



Uma figura histórica que sempre me fascinou é Lourenço de Médicis, o grande governante italiano do Renascimento. Ficou na história como Lorenzo *il Magnifico*, Lourenço o Magnífico. Não vos parece um excelente cognome com que ficar para a posteridade? O Magnífico! Deram-lhe esse nome por ser generoso em tudo o que fazia. Nunca se ficou apenas pelo mínimo; deu sempre o seu melhor. Não molhou apenas os pés no mar da vida, mas optou em vez, por mergulhar. Nasceu então o Magnífico.

Um governante italiano do Renascimento será, talvez, uma figura pouco importante para as nossas vidas, mas parece-me que o espírito de generosidade absoluta, de abundância e magnificência é um tema sobre o qual devemos reflectir na nossa vida em Cristo. Em verdade, isto é um reflexo do próprio Deus, já que Ele também não nos dá a Sua misericórdia em pequenas quantidades. Deus actua sempre com generosidade em abundância, com magnificência, na forma como Ele nos concede a Sua graça nas nossas vidas e as bênçãos que nos rodeiam. Vemos na generosidade de Deus nosso Senhor um modelo a seguir, um convite e um mandamento para que sejamos e façamos igual.

Isto está presente no Evangelho da Missa de hoje (S. Mateus 20:1-16a). Nesta passagem, vemos um patrão que contrata trabalhadores para trabalhar na sua vinha. Aos primeiros, que são contratados logo de manhã, é-lhes dado o valor justo equivalente a um dia de trabalho. Depois chama outros para trabalharem em vários momentos do dia e não chegando, quase no final do dia, chama ainda mais. Os últimos a chegar, trabalharam apenas uma hora e no entanto receberam o valor de um dia de trabalho completo. Olhando para esta situação na perspectiva mais limitada, é possível simpatizar com os empregados que começaram o dia logo de manhã. O que se passa aqui? Então não trabalhámos durante as horas de mais calor? Não deveríamos receber nós mais? Contudo, aqueles que trabalharam apenas uma hora receberam tanto como nós? Mas o patrão diz que não - amigo, não posso ser generoso com aquilo que me pertence?

Na verdade, o que devemos fazer é olhar para esta passagem, não do ponto de vista daqueles primeiros trabalhadores zangados, mas sim, da perspectiva do mestre generoso. Se o fizermos, podemos ver que ele decidiu mostrar generosidade abundante aos que chegaram por último e não a mereciam. Esta é uma mensagem, creio eu, em parte para os gentios que

chegaram tarde à história da salvação e através da generosidade de Deus, receberão tanto quanto os que já lá andam há muitos mais séculos. Talvez esta seja parte da mensagem.

Mas esta parábola sublinha, sobretudo, a abundante generosidade de Deus. Anda paralela àquilo que vemos na Parábola do Filho Pródigo (S. Lucas 15:11-32). Quando o filho mais novo regressa, o pai cheio de amor, cobre-o na sua generosidade e enche-o de bens materiais, entre outras coisas, para que possam celebrar, pois ele havia regressado. O irmão mais velho, cheio de ira, diz não, não, não, (quase como os primeiros trabalhadores na parábola de hoje), como ousa fazer tal coisa? Isto não é justo. Este, seu filho, não merece. O irmão mais velho mediu tudo e concluiu que o seu irmão não merece nada daquilo que está a receber do seu pai. É óbvio que ele tem toda a razão. No entanto, o seu pai responde que este, o teu irmão, estava perdido e foi encontrado. É assim que vemos a magnificência e generosidade que vem da mão do Pai Celeste. Nenhum de nós a merece.

Temos que apreciar nas nossas vidas, e reconhecer, como diz Isaías na Primeira Leitura de hoje (55:6-9), “Meus pensamentos não são como os vossos pensamentos e vossos caminhos não são como os meus caminhos, diz o Senhor.” Temos que entrar profundamente no mistério da generosidade de Deus e reflectir sobre ele. Em primeiro lugar, somos recipientes da mesma. Recebemos tanto, mesmo não merecendo, como os trabalhadores contratados na última hora; nada merecemos, nem mesmo a própria vida, contudo, Deus dá-nos isto em imensa abundancia. Dá-nos fé, Ele dá-nos graça, Ele dá-nos tudo. O Senhor dá-nos tempo, o tempo das nossas vidas (é ele que nos dá). Ele dá-nos tudo. O que recebemos, recebemos através da generosidade magnífica de Nosso Senhor.

Mas somos chamados, enquanto Seus criados, Suas criaturas, como os discípulos do Senhor, para que mostremos aos outros o mesmo espírito de magnificência, o mesmo espírito de generosidade usando as dádivas que recebemos.

Nós não somos o Mestre. Se fossemos o patrão, não seríamos tão generosos como o do Evangelho de hoje. Não, nós somos os servos. Devemos imitar a generosidade do nosso mestre. Somos mordomos. Isto significa que somos servos, a quem o Mestre confiou várias ofertas e somos chamados a usá-las bem, usá-las de forma fecunda, tal como na parábola perto do fim do Evangelho de S. Mateus (25:14-30): vemos o mestre a entregar várias dádivas, talentos, aos seus criados. Alguns usaram-nos de forma a multiplica-los, com generosidade e criatividade. Outro limita-se apenas a enterra-los na terra. Estéril. Inútil. Ele não apanha o espírito do Mestre, o espírito criativo. Mas nós

somos chamados a ser administradores dos mistérios de Deus, administradores das ofertas de Deus. São nos confiadas pelo nosso generoso Mestre e Ele chama-os a usá-las bem. Generosamente, com criatividade e para que dêem fruto.

Devemos pensar nisto, especialmente neste Domingo em que na nossa Arquidiocese se chama Domingo da Administração. É um tempo em que somos chamados a reflectir sobre a característica fundamental do discípulo de Jesus: ser um administrador que agradece as várias dádivas recebidas do Senhor. Somos todos diferentes (uns recebem esta oferta, outros aquele talento) de uma forma e iguais no sentido em que recebemos das mãos do nosso generoso Mestre, o nosso Mestre magnificamente generoso, tantas ofertas, basta apenas reconhecê-las em nos próprios e em quem nos rodeia.

A nossa comunidade inteira é amplamente abençoada com ofertas que por vezes passam despercebidas e que não celebramos. Então, através da administração espiritual, somos chamados a reconhecer nos outros as dádivas que eles têm e convida-los a usa-las de forma generosa, fecunda e criativa.

Também nós somos chamados a dar graças a Deus pelas ofertas que recebemos das Suas mãos, mais generosas ainda do que o valor de um dia de trabalho, mesmo fazendo muito pouco, que receberam os últimos trabalhadores na parábola de hoje. Recebemos muito mais generosamente do nosso gracioso Senhor. Somos chamados depois de receber as nossas ofertas, sejam elas quais forem, a usá-las fecundamente e a ajudar e convidar outros a fazer o mesmo. Enquanto comunidade, somos pessoas que reconhecem que somos administradores da generosa, abundante e magnífica bondade do Senhor.

Há várias coisas em que devemos pensar, enquanto fazemos isto. Primeiramente, esta tendência para a administração não é simplesmente um programa a que nos podemos juntar; não é uma coisa que fazemos. É uma atitude de gratidão profunda onde nos encontramos gratos por tudo aquilo que recebemos e estamos profundamente comprometidos a usar estas dádivas fecundamente e com generosidade e com uma magnificência que reflecte a do nosso gracioso Senhor.

Em segundo lugar, penso que o que devemos fazer enquanto contemplamos a nossa comunidade paroquial é perguntar: Quais são as diferentes ofertas que nos rodeiam? Se todos começarmos a usá-las de modo a que dêem fruto em vez de as enterrarmos na terra ou esquecendo-nos delas e não as reconhecermos, se as pusermos em primeiro plano, então veremos a nossa comunidade florescer e crescer e que as pessoas ao nosso redor dirão, “Vejam como estes Cristãos se amam uns aos outros.” Vejam aquela comunidade, cheia das graças de Deus!

É possível alcançar este estado quando estamos cientes, ao reflectir sobre as parábolas do Senhor, que é preciso ser criativo, não esconder as ofertas mas sim deixá-las florescer. É necessário auxiliar os outros a fazer também o mesmo.

Outro importante pormenor é mantermos a fé; estas dádivas vêm de Deus. Não são nossas. Temos de reconhecer, com o auxílio desta fé, que não somos o Mestre. Simplesmente, durante um curto prazo na terra, recebemos estas ofertas e somos chamados a usá-las bem.

É preciso não esquecer, aquando do regresso do Mestre, serão exigidas as contas da nossa utilização destas ofertas. No final da Parábola dos Talentos ele regressa e pergunta, o que fizestes aos talentos que te confiei? Alguns usaram-nos bem e outros não, optando por enterra-los. Irá chegar o momento, no fim das nossas vidas, na presença do Senhor em que Ele nos perguntará o mesmo: como usaste as oferta que te dei – sendo elas diferentes para cada um de nós.

Então pensemos nisto neste Domingo, enquanto reflectimos sobre o tema da administração que é profundamente bíblico, profundamente espiritual, com raízes bem firmes na nossa fé e no centro do Evangelho. Como podemos nós, enquanto discípulos, partilhar um pouco desta magnificência com o próprio Deus Senhor? Como podemos partilhar generosamente as ofertas que Ele nos concedeu? Qual a forma mais fecunda de usar o tempo que temos nas nossas vidas, os talentos especiais que Ele nos deu e os bens materiais para que os possamos partilhar com outros, em vez de nos agarrarmos a eles sermos generosos? É uma das maneiras que temos de ser administradores fiéis e fecundos dos mistérios de Deus. Iremos reflectir também, tal como Deus nos chama a fazer, sobre o Seu amor glorioso e generosamente magnifico no mundo. Esta é a nossa missão e ao cumpri-la, somos fiéis a Ele.

Que Deus nos abençoe a todos nesta missão sagrada: ser administradores fiéis e criativos dos bens que recebemos do nosso bom e graciosamente magnífico Deus Senhor!